

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: ASPECTOS DAS AÇÕES DO SUBPROJETO ARTES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS DE 2020 A 2022

Aldo Victorio Filho¹
Isabel Almeida Carneiro²
João Vitor Barroso da Silva³

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute as principais ações do núcleo de Artes do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), seus desdobramentos e repercussões. Frente aos desafios impostos pela pandemia global do novo coronavírus, desenvolvemos metodologias que dialogassem com os saberes, interesses, expectativas e condições dos estudantes das escolas parceiras. Atualizamos os referenciais teóricos, adequamos e criamos metodologias e ponderamos sobre os resultados das ações destacando a importância do projeto para a experiência nos e dos cotidianos escolares. Desse modo, o subprojeto reiterou o compromisso do PIBID com a promoção da vida e da produção escolar de modo a beneficiar a formação cidadã de todas as pessoas envolvidas em suas ações e atividades. Bem como, aproximar os princípios defendidos pela Universidade às instituições escolares e à sociedade como um todo em um período de crise.

Palavras-chave: Artes Visuais, Ensino remoto, Educação, Pandemia.

¹ Professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – avictorio@gmail.com

² Professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – isabel.carneiro@uerj.br

³ Estudante do 5º período de Artes Visuais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - joaovb02@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ainda durante a primeira onda da pandemia do Sars-Cov-2 no Brasil, o programa da Capes PIBID e RP-2020 teve novo edital publicado. O subprojeto Artes Visuais, uma das ações do Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes que abriga o PIBID desde 2012, nos permitiu dispor nesta última edição de dezesseis bolsistas de Iniciação à Docência, quatro vagas de voluntários e duas bolsas de supervisores nas escolas parceiras, mesmo em meio ao momento imprevisível e formado por condições ainda não totalmente delineadas que atravessávamos.

Buscamos nesse registro destacar o papel socioeducativo que emerge como traço estrutural do projeto. Para tanto, elencamos os principais aspectos das ações realizadas nas instituições parceiras - o C.E. João Alfredo e o CIEP Cora Coralina -, durante o período de mais de um ano de propostas e experiências que mesmo virtualmente aproximaram os alunos das escolas parceiras, suas professoras, os licenciandos e coordenação do subprojeto, e o posterior retorno ao presencial.

REFERENCIAL TEÓRICO

Meio ao contexto pandêmico que desafiava o planeta e as imposições e condições locais, começamos com o questionamento de toda a situação e a ponderação das ações mais adequadas em tal momento de excepcionalidade que estávamos vivendo. A partir dessas reflexões, percebemos a urgência da atuação nas escolas parceiras face ao desafio de adequar e até mesmo criar o contexto da sala de aula de Artes à nova realidade, seus impactos e condicionamentos, buscamos criar e propor ações pedagógicas em sintonia com as novas realidades vividas.

Face à dificuldade de elaborar uma avaliação distanciada do momento crítico no qual estávamos submersos, buscávamos dar prosseguimento aos nossos pensamentos e ações no novo mundo que a pandemia fez emergir. Nos deparamos com fronteiras físicas, sociais e psíquicas, e, sem dúvidas, a complexidade dessas condições nos possibilitou adentrar um campo inusitado, posto pelo mais enfático momento de interrupção dos fluxos que até aquele instante conduziram as nossas vidas. Erámos levados, de uma maneira ou de outra, à sub-teorização proposta por Boaventura de Sousa Santos.

“O problema é que a prática caótica e esquiva dos dias foge à teorização e exige ser entendida em modo de sub-teorização. Ou seja, como se a claridade da pandemia criasse tanta transparência que nos impedisse de ler e muito menos reescrever o que fôssemos registrando no ecrã ou no papel.”(SANTOS, 2020, p. 14)

Nosso principal referencial seriam os estudantes. Suas necessidades, aspirações e expectativas foram o guia maior durante todo o processo de realização das propostas do projeto. Seguimos, portanto, não só princípios colaborativos e interacionistas da psicopedagogia, mas também o que o educador brasileiro Paulo Freire propôs ao afirmar:

"Outro saber necessário à prática educativa (...), é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. (...) O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que 'ele se ponha em seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência." (FREIRE, Paulo. 1996, p. 65-66)

METODOLOGIAS DESENVOLVIDAS DE FORMA REMOTA

Realizamos, desde novembro de 2020, encontros semanais entre os integrantes do projeto e os dois supervisores - professor Manoel Hygino e professora Mariana Paixão. Ao longo dessas reuniões discutimos as nossas condições físicas e psíquicas durante o isolamento social, considerando constantemente que naquele momento os mais vulneráveis seriam ainda mais negligenciados, já que a pandemia acentuava as diferenças sociais e agudizava ainda mais as disparidades econômicas já existentes. A partir disso, buscamos desenvolver metodologias que ainda estivessem de acordo com os ideais de Freire, levando sempre em conta a acessibilidade e demais problemas que perpassassem a realidade dos discentes - como a dificuldade de acesso à internet e a evasão escolar decorrente da impossibilidade de acompanhar as aulas e atividades remotas.

Desde o início das ações do subprojeto de Artes Visuais, contamos com a participação de todo grupo de bolsistas e professoras supervisoras na elaboração e organização do primeiro e do segundo "Ciclo de Conversas de formação docente em Artes Visuais – PIBID e RP". Criado e adequado especialmente para atender as expectativas e imposições do trabalho remoto, o evento foi um espaço muito importante de aprofundamento em temas relacionados à docência em artes visuais. Contando com convidados com experiência notória no campo, percebemos como essas conversações, essas trocas de experiências, contribuíram positivamente para o desenvolvimento formativo dos bolsistas e voluntários, assim como para os professores envolvidos (no projeto e na audiência dos encontros) a despeito de já possuírem experiência acumulada e relação mais madura com a docência e para o público em geral que assistia aos debates.

Além dessas, outra atividade remota de especial significado foi a "Jornada de Afetos" - fruto da parceria com o "Biblioteca de aulas", projeto formado por educadores da rede escolar pública de Niterói. Inicialmente, confeccionamos cartas convites artísticos individuais que foram endereçadas aos alunos das escolas convidando-os a participar da Jornada conosco, que se constituiu de encontros com os estudantes em um grupo no WhatsApp onde levantamos discussões e trocas sobre temas atuais e necessários como angústia, ansiedade e expectativa. Ficou evidente em todas as jornadas o desenvolvimento de um espaço de ligação e carinho com os alunos das escolas parceiras que participaram das atividades - o que demonstrou, mais uma vez, a importância da efetivação do afeto nas ações pedagógicas em, aquém e além das salas de aula, especialmente em um momento no qual a saúde pessoal e coletiva demandaria a solidariedade e cuidado de todos com todos.

Realizamos também o chamado "Sarau das mina e dos mano": espaço de troca artística em que contamos com a participação dos bolsistas, voluntários, supervisores e

convidados advindos do ambiente cultural do Slam, quando poesias que retratam diversos problemas sociais e adversidades, que suas autoras e autores também atravessam, foram recitadas em voz alta. Alguns temas recorrentes no sarau foram o racismo e o sexismo.

Outra ação importante foram os CineClubes, realizados uma vez ao mês. Os filmes escolhidos para o evento trouxeram temáticas centrais à formação cidadã e fundamentais ao fortalecimento social, como, por exemplo, sexualidade e questões de gênero, racismo, machismo, gordofobia, homofobia, etarismo, entre outros. Os curtas metragens “Alike”, “Carne”, “Hair Love”, “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, “Neguinho” e “Polícia e Ladrão” foram algumas das obras exibidas. Neste último, contamos com a participação da professora de sociologia Lady de Almeida, também integrante do Movimento Negro, que conduziu um debate muito oportuno sobre o racismo estrutural e institucional sofrido por jovens negros.

Em maio de 2021 fomos convidados a participar do “Café com PIBID” - encontro promovido pelo PIBID Música UFRJ, coordenado pelo professor Celso Ramalho. A nova parceria com o projeto foi crucial para o início da elaboração de novas metodologias de ensino das artes que abordassem dimensões sonoras e visuais na modalidade de ensino remoto.

Participamos do “Festival do Conhecimento UFRJ” com três dessas metodologias: A Oficina “O traço das notas” que consistia, resumidamente, em apresentar quatro músicas diferentes aos estudantes, que se revezariam no papel de “desenhista” e “adivinhador” - o desenhista expressaria o que a música lhe transmitia por meio de linhas ou imagens visuais e o aluno adivinhador, utilizando-se das sensações transmitidas pelo desenho, tentaria acertar qual das músicas teria sido utilizada pelo desenhista; a oficina “Sons, Cores e Movimentos”, dividida em algumas etapas: a primeira consistia na criação de um círculo cromático, a segunda – focada no afeto – contaria com a apresentação de fotos de três objetos de cores diferentes que fizessem parte do cotidiano dos próprios alunos, e a última etapa consistia na associação de cada cor a um som e um movimento; por fim, a oficina “Visualidade Sonora: o ruído como imagem”, concebida pela voluntária Beatriz Nogueira em parceria com a supervisora Mariana Paixão, em que se buscava, através de meios não convencionais de produzir arte e apresentando o trabalho do artista contemporâneo Guilherme Vaz como referência, que os alunos viessem a desenvolver e explorar novas gestualidades e a partir dessas criações produzir sonoridades.

Em julho de 2021, realizamos por meio de videoconferência uma visita mediada à exposição “Poéticas Femininas na Periferia”, que aconteceu no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. A mediação da exposição foi feita por três das 29 artistas participantes e, dentre as três, uma era bolsista PIBID, a licencianda Layla Werneck. Contando apenas com mulheres da periferia do Rio de Janeiro, a mostra se constituiu com as obras de vinte e nove artistas e apesar de todas terem algo em comum – serem mulheres e periferizadas –, a diversidade de percepções, poéticas e abordagens foi preponderante e tornou o que já seria importante, em algo muito significativo, pois permitiu que vozes fossem ouvidas, posicionamentos e provocações acessadas pelo público e que trocas importantíssimas fossem feitas. Dessa forma, o contato das futuras professoras com uma exposição de obras exclusivamente de artistas mulheres em condições inerentes aos jogos de periferização econômica, étnica, política e social e por elas mediadas significou uma oportunidade preciosa de formação acadêmica direcionada à docência, além, é claro, do enriquecimento do repertório sociocultural, a ser assimilado de modo a futuramente vir a ser recurso compartilhado com os seus alunos.

Além dos eventos e práticas apresentadas, foram criados e mantidos perfis em redes sociais, parcerias com outros projetos afins, bate papos com convidados especiais, etc., realizados durante mais de um ano de projeto, com o intuito principal de o diálogo entre as

experiências culturais dos alunos das escolas parceiras às possibilidades das salas de aula de artes, a despeito do distanciamento social imposto pela pandemia.

RETORNO AO PRESENCIAL

Em fevereiro de 2022, retornamos ao modelo presencial - momento muito aguardado e celebrado pelos bolsistas, voluntários, supervisores e coordenadores do projeto - com a aplicação da oficina “monte o bicho”. Construída de forma coletiva com a equipe do PIBID Biologia UFRJ, a atividade utilizava técnicas de desenho condicionado para permitir que estudantes de uma turma de segundo ano do ensino médio do Colégio Pedro II assimilassem um conteúdo específico de genética de forma prática.

Seguindo todos os protocolos de saúde definidos pelas autoridades competentes, desenvolvemos material especial para os encontros e oficinas dessa reta final de projeto. Além da oficina “monte o bicho”, realizamos também uma atividade com têmpera e desenho de observação no CE João Alfredo e mais uma Jornada – dessa vez com o tema “Memórias” – no CIEP Cora Coralina. Além disso, ainda acompanhamos os estudantes numa visita guiada à Caxias, onde visitamos a Igreja Nossa Senhora do Pilar – monumento fundamental para entender a história de Caxias – e espaços importantes para a atual cena artística da cidade, como o Galpão Criativo Gomeia e Lira de Ouro e a Associação de Professores Pesquisadores da Baixada Fluminense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados acumulados ao longo do período de ação do subprojeto refletiram a dedicação do coletivo de bolsistas que recebeu na maioria das oportunidades de diálogo e encontros manifestações de sincero afeto e elogios por parte dos estudantes das escolas parceiras. Os desafios vivenciados e superados em grande parte evidenciam que o desenvolvimento do projeto não foi fácil; muitos eventos tiveram pouca ou nenhuma interação, visto que o encontro virtual se mostrava uma novidade para todos e para muitos intensificava o acanhamento. Entretanto, a dedicação dos bolsistas, voluntários e supervisores foi fator fundamental para a exploração positiva dos espaços e oportunidades criadas para trocas com os estudantes das escolas parceiras, que ao longo do tempo vieram a se sentir cada vez mais à vontade e dispostos a participar das experiências propiciadas pelo projeto.

O principal resultado, portanto, e que todos os integrantes do PIBID Artes UERJ – bolsistas, voluntários, coordenadores e supervisores – se orgulham de ter alcançado foram justamente esses momentos marcados pela sensibilidade e afeto. Face à complexidade desafiadora do contexto de implementação do subprojeto, mais do que constatar que os alunos aprenderam algum conhecimento novo do campo das artes ou aprimoraram as suas habilidades plásticas nas atividades criadas e oferecidas, o que, em última análise, nos parece a mais significativa motivação é a constatação de que para muitos a atuação do subprojeto foi pautada pelo acolhimento, a segurança e o afeto. Considerando que para qualquer processo exitoso de ensino/aprendizagem a interação afetiva é indispensável, podemos afirmar que esse interesse é - e sempre foi - o nosso real objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, por fim, que o PIBID, mesmo em seu formato remoto, continuou comprometido com as formações e responsabilidades acadêmicas envolvidas. O que caracteriza o impacto do programa na formação dos licenciandos envolvidos é o desenvolvimento da intimidade e valorização do Ensino Básico em seus cotidianos - intimidade nos mais produtivos sentidos, como o exercício crítico inseparável da solidariedade, da observação atenta e comprometida, e, sobretudo, da experimentação criativa de modos de ser e estar nas escolas, entendendo-os como elementos estruturantes de suas formações em curso.

A despeito das dificuldades promovidos pela pandemia do Sars-Cov-2 e intercorrências comuns ao trabalho com as dimensões e interfaces do subprojeto, foi gratificante observar o crescimento acadêmico dos licenciandos e seu rápido e produtivo envolvimento com o programa. Envio refletido nos materiais produzidos, nas atividades realizadas, nos estudos, leituras, encontros e intensos debates sobre as experiências acumuladas. Aspectos que caracterizam a robustez da formação viabilizada pelo PIBID, sem o qual dificilmente aconteceria no fluxo, frequência e intensidade vivenciados remotamente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro ao projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**. Belo Horizonte: Fino traço, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LARROSA, Jorge. Tremores. **Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. O coronavírus, nosso contemporâneo. **Revista de Letras**. Portugal. 6 – 19 de maio de 2020.